



### **REFLEXÕES ACERCA DE MÉTODO DE PESQUISA NA PERSPECTIVA DO METÁPORO, DE CIRO MARCONDES FILHO**

### **REFLECTIONS ABOUT RESEARCH METHOD FROM PERSPECTIVE OF THE METÁPORO, OF CIRO MARCONDES FILHO**

Luiz Signates<sup>1</sup>

Elizabeth Venâncio<sup>2</sup>

**Resumo:** Os pesquisadores buscam por um método que traga segurança para a pesquisa. Afinal, o critério da verdade só aparece quando há evidências produzidas por meio de um método, que pode ser aplicado por qualquer outro estudioso, com uma margem aceitável de aproximação dos resultados. Neste artigo, realizamos algumas reflexões acerca do método de pesquisa Metáporo, desenvolvido pela Nova Teoria da Comunicação, de Ciro Marcondes Filho. Ao utilizá-lo em uma pesquisa, levantou-se a hipótese de que o processo comunicacional pode ser pensando em referência a gradientes emocionais.

**Palavras-chaves:** Metáporo; método de pesquisa, comunicação, Ciro Marcondes Filho, gradientes emocionais

**Abstract:** Researchers are looking for a method that brings security to the search. After all, the criterion of truth only appears when there is evidence produced by a method, which can be applied by any other scholar, with an acceptable margin of approximation of results. In this article, we make some reflections on the method of research Metáporo, developed by the New Theory of Communication, by Ciro Marcondes Filho. By using it in a research, the hypothesis was raised that the communicational process may be thinking in reference to emotional gradients.

---

<sup>1</sup>. Professor do PPG em Comunicação da Universidade Federal de Goiás e da área de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica e Goiás. [signates@gmail.com](mailto:signates@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação, Universidade Federal de Goiás. [mtesrtego@gmail.com](mailto:mtesrtego@gmail.com)



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

**Keywords:** Metáforo; method of research, communication, Ciro Marcondes Filho, emotional gradients

### 1.O ponto de partida para se pensar método de pesquisa

Desde que o filósofo Immanuel Kant publicou a *Crítica da Razão Pura* em 1781, muitos filósofos alegaram que é impossível conhecer as coisas como elas realmente são. A busca pela verdade a partir dessa constatação kantiana passou a provocar angústia no pesquisador, uma vez que o ser das coisas e objetos que se pretende conhecer se oculta e manifesta-se sob múltiplas formas. Aquilo que aparece, não é a totalidade do objeto, da realidade investigada. O ser humano pode apoderar-se e conhecer aspectos do objeto que aparece, que se impõe, que se desvela e isto de modo imperfeito, pois não entra em contato direto com os objetos, mas apenas com sua representação e impressões causadas.

Segundo Kant (2008), podemos apenas conhecer como as coisas são quando relacionadas a nós mesmos, dado o tipo de mente que temos, mas não podemos sair de nós mesmos para alcançar uma visão absoluta das coisas reais do mundo.

Os pesquisadores, então, frente à constatação kantiana, buscam por um método que traga segurança para a pesquisa. Afinal, o critério da verdade só aparece quando há evidências produzidas por meio de um método, que pode ser aplicado por qualquer outro estudioso, com uma margem aceitável de aproximação dos resultados. Desse modo, mesmo diante de todas as dificuldades levantadas por Kant quanto à impossibilidade do conhecimento e do questionamento de Nietzsche (1983, § 539) “nunca vos assolou o temor de que poderíeis simplesmente não prestar para conhecer o que é verdadeiro?” a procura da verdade por meio de um método continua dando sentido à ciência.

Na tradição do saber científico, o método assume importância imprescindível. Pensadores como Nietzsche, Bergson, Husserl, Adorno e Benjamin, cada um a seu modo, afirmaram que o efêmero e o transitório são primordiais na apreensão da realidade, e que o ideal não é o saber *claro e distinto*, mas a fidelidade à dúvida e à resistência dos objetos ao saber. Eles foram contra os grandes sistemas da filosofia e o



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

desejo de construir dedutivamente um todo sem lacunas. Esses autores desenvolveram outras possibilidades metodológicas, calcadas em conceitos alternativos ao de verdade, objeto e objetividade, como os de vida, vontade, percepção, tempo, duração, imagem e diálogo, respeitando e explorando as potencialidades para criar rupturas e descontinuidades. Para eles, o conhecimento é sempre resultado de um mosaico, ou seja, o todo é sempre uma visão de fragmentos.

Neste cenário, surge a proposta de um novo método de pesquisa denominado Metáporo.

### **2. Os pressupostos da teorização de Ciro Marcondes quanto ao Metáporo**

Desenvolvido pela Nova Teoria da Comunicação, de Ciro Marcondes Filho, o método de pesquisa designado Metáporo, representa um diálogo com a história da filosofia, apropriando-se de concepções de filósofos como Heráclito, Lucrécio, Henri Bergson, Gilles Deleuze, Emmanuel Levinas, Edmund Husserl, entre outros.

Apesar dos muitos e variados filósofos, as bases teóricas do Metáporo fundamenta-se na proposição do movimento de Heráclito, de intuição de Bergson e na física de Lucrécio.

Segundo os fragmentos de Heráclito (c.535-475 a.C.), traduzidos e interpretados por Nietzsche, tudo é fluxo, mudança, movimento, de tal forma que proclamou:

Não vejo nada além do vir-a-ser. Não vos deixeis enganar! É vossa curta vista, e não a essência das coisas, que vos faz acreditar ver terra firme em alguma parte no mar do vir-a-ser e do perecer. Usais nomes das coisas como se estas tivessem uma duração rígida: mas nem mesmo o rio em que entrais pela segunda vez é o mesmo que da primeira vez. (Nietzsche, 1983, § 5)

O universo está em constante movimento, transmuda-se, nada permanece o mesmo. Somos e não somos, e isso não é um problema para Heráclito, é apenas a nossa natureza.

Compreender a natureza não significa estagná-la. Para conhecer algo, não é preciso retirar-lhe o movimento. Como se faz ao matar seres vivos apenas para dissecá-



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

---

los e, com isso, conhecê-los. Usamos a linguagem para imortalizar, congelar em palavras o tempo, mas esquecemos que também é possível observar as coisas em seus ambientes, em relação com seres da mesma e de outras espécies, a fim de compreendermos seu modo de ser em relação.

O conhecimento, para Heráclito, aproxima-se muito mais a esse observar em movimento, pois enquanto se observa, também estamos em movimento. O que se pode ver num momento anterior; no seguinte não vemos; nem veremos mais adiante. Assim, o conhecimento da totalidade para Heráclito não nos é possível, exceto na compreensão do eterno fluir, do constante vir-a-ser. Conhecimento fundamental para compreendermos nossos modos de ser no mundo e nos posicionarmos com sabedoria.

Se tudo se move, se transforma o tempo inteiro. Como é possível conhecer? Se não nos banhamos duas vezes no mesmo rio; se as águas não são as mesmas, nem nós não somos os mesmos; se não é possível tocar duas vezes o mesmo ser, como fica sua apreensão? Segundo Marcondes Filho (2013) Heráclito não entendeu o valor da intuição, uma descoberta que aconteceu com Bérqson.

Para Bérqson (2011) a intuição caminha no próprio sentido da vida, há dois tipos de conhecimento: o relativo que conhece o objeto do mundo a partir de uma perspectiva particular, sendo adquirido pelo uso do intelecto e da razão ficando distante da coisa em si; e o conhecimento absoluto que significa conhecer os objetos do mundo como eles realmente são, adquirido pela apreensão intuitiva da verdade de uma forma bem direta do conhecimento. Não é analisar nada. Trata-se de utilizar a intuição, abandonar o campo da mera observação. Assim, a ideia é apreender a realidade de forma absoluta e não relativa, colocar-se no objeto e não disserta sobre ele, buscando captá-lo além de toda expressão.

Bérqson (2011) acreditava que Kant (2008) estava equivocado quanto à impossibilidade de sair de nós mesmos para alcançar uma visão absoluta das reais coisas em si mesmas.

O equivoco de Kant, segundo Bérqson, foi não ter reconhecido toda a importância da faculdade da intuição, uma vez que somente a intuição nos permite apreender a singularidade de um objeto por conexão direta. Nossa intuição liga-se ao



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

---

que Bérson chamou de nosso *élan vital*<sup>3</sup>, força vital (vitalismo) que interpreta o fluxo da experiência em termos de tempo, em vez de espaço.

A intuição seria a forma de ver o fenômeno em seu movimento, evitando as petrificações conceituais e a fragmentação típica dos empiristas. Assim, “a intuição está distante dos pesquisadores que analisaram ou sintetizaram.” (Bérson, 2011, p. 33). A intuição e o movimento são complementares no pensamento de Bérson e, dessa forma, são ideias fundamentais para a Nova Teoria da Comunicação. “Pensar intuitivamente é pensar em duração.” (Bergson, 2006, p. 32).

Assim, na busca por superar Kant, Bérson introduziu a questão da intuição humana. A apreensão do conceito de intuição poderá ser mais bem exemplificada e ilustrada em um exemplo da vida real.

Trata-se da trajetória de vida do matemático autodidata indiano Srinivasa Ramanujan (1887-1920). Apesar de não ter formação acadêmica, realizou contribuições substanciais nas áreas da análise matemática, teoria dos números, séries infinitas, frações continuadas etc., o que pode ser assistido em sua cinebiografia, na cativante película *O Homem que Viu o Infinito*.

O enredo do filme tira bom proveito do contraste entre o próprio Ramanujan, místico e totalmente intuitivo, e seu protetor Hardy, racionalista e ateu, empenhado em convencer o rapaz de que ele precisava assimilar procedimentos acadêmicos formais para poder comprovar a profusão de teorias que assaltavam sua mente brilhante.

O indiano sentia que um ser superior, sua deusa, sussurrava as fórmulas que resolviam problemas impossíveis. Hardy, fascinado pelo seu talento natural, tentava que ele mesmo reconstruísse o caminho para que alguém sem a mesma inspiração pudesse chegar às mesmas conclusões. Aqui, se encontra uma encruzilhada para o Metáporo, de um lado estimular no pesquisador a busca intuitiva; por outro, conseguir realizar a comprovação do que foi intuído.

---

<sup>3</sup> Na investigação filosófica sobre a mente, a expressão *élan vital* é uma expressão de origem francesa (*élan vital*), que foi utilizada por Henri Bérson (1859-1941), para designar um impulso original de criação de onde proviria a vida e que, no desenrolar do processo evolutivo, inventaria formas de complexidade crescente até chegar, no animal, ao instituo e, no ser humano, à intuição, que seria o próprio instinto tomando consciência de si mesmo. (SILVA, 2006)



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Para a constituição do conceito de Metáporo, o movimento e intuição se somam ao conceito de *clinamen*, que significa inclinação, do físico Lucrecio. Ele foi um Epicurista e usou a palavra latina *clinamen* para designar o desvio dos átomos. Normalmente, os átomos seguem uma trajetória vertical e, para permitir o encontro com outros, desviam o percurso rompendo a linearidade. O novo é o que provoca o sentido, vem da excepcionalidade, do extraordinário, do não-linear, do caos. Assim, Marcondes Filho (2013) incorporou essa ideia na comunicação para dizer que a partir de vários sinais ou informações, algo tangencia a rota normal: é a transformação do Acontecimento, que quebra a trivialidade e produz comunicação.

Análogo ao pensamento estoico, da faísca do atrito dos corpos surge o incorpóreo: o sentido. Esse não é significação, termo semiológico. A significação está no objeto e todos a entenderiam da mesma forma. O sentido está na relação, no fazer pensar, no novo que surge do acontecimento. Então, os objetos são formados de átomos e são, portanto, instáveis e mutáveis, sendo isto um princípio universal, pois tudo está em permanente movimento, o movimento dos átomos. Aí, sendo o objeto descrito por Lucrecio passível de uma percepção fugaz por parte dos sentidos humanos, segundo ele se vemos um objeto agora, jamais os veremos de novo nas mesmas condições.

Dito isto, é possível ter uma noção dos pressupostos teóricos do Metáporo, ou seja, movimento, intuição e inclinação aplicados a comunicação.

A noção de comunicação para Ciro Marcondes (2013) é de algo imaterial, não é uma coisa que alguém transmite; ela é uma relação, uma ocorrência, um acontecimento que flui no tempo. Para definir comunicação, a ênfase é dada à recepção, pois é preciso uma inclinação para quem realiza a emissão. A comunicação só surge quando o receptor atua, modelando, transformando a mensagem que recebe. A mensagem tem que provocar algo no receptor.

Essa noção fluída, incorpórea, relacional da comunicação fez com que Marcondes Filho colocasse em discussão um método para se estudar a comunicação com a pretensão de ser capaz de lidar com a inconstância na práxis cotidiana.



### **3.A práxis do cotidiano a partir do Metáporo**

O Metáporo repudia a análise clássica da percepção cuja noção distinguia os dados sensíveis e a significação. Utiliza a análise fenomenológica que lhe permite ultrapassar as alternativas clássicas entre o empirismo e o intelectualismo, entre o automatismo e a consciência. Essa perspectiva apoia-se num ponto fundamental: o movimento. Assim, ele adota a percepção do corpo no movimento de sua intencionalidade, para buscar compreender como o processo comunicacional ocorre. As sensações que produzem memória e criam comunicação aparecem associadas a movimentos e, também, aos aspectos relacionais. Esse conceito de percepção desfaz a noção de corpo-objeto, parte extra partes e com as noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos.

Entretanto, de forma curiosa Marcondes Filho (2013) afirmou que o grande desafio ao utilizar o Metáporo é a capacidade narrativa do estudioso, sendo preciso elevar fatos banais ao sublime, provocando o novo. Em outras palavras, pode-se ajuizar que tal atitude seja o de descrever por meio da narrativa os sentidos do objeto pesquisado. Não só os sentidos que estão nele, mas também o que estão no pesquisador.

Desse modo, ao pensar acerca da capacidade narrativa do estudioso, delineada por Marcondes Filho, nota-se que ela se aproxima muito do que os helenistas pretendiam dizer com a palavra *lógos*. Ou seja, *lógos* é a razão conhecendo as coisas, pensando os seres, a linguagem que diz ou profere as coisas, dizendo o sentido ou o significado delas.

O pesquisador, a partir do Metáporo, age intuitivamente tendo a disposição para tomar a realidade e torná-la passível de ser delineada, apreendida, narrada, enfim, desvelada em sua completude. Momento em que o estudioso exerceria sua capacidade de abarcar o fenômeno.

No primeiro estágio de observação o investigador deve suprimir seus valores e seus juízos e fixa sua atenção no que acontece no *Entre* da relação capaz de produzir sentidos e prevalecer sobre os demais elementos do processo comunicacional. Ou seja, mantendo-se dentro da proposta do Metáporo.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

No estágio seguinte ao se voltar para descrever o fenômeno, ao realizar a tentativa de fazer com que sua narrativa fique mais reflexiva, no nosso entendimento, existe para o estudioso a possibilidade de que a sua intuição do fenômeno seja completa, mas sua narrativa encontre um obstáculo na imprecisão da linguagem.

Assim, levantou-se a hipótese de que a descrição do fenômeno comunicacional pode encontrar na linguagem um fator de dificuldades. Para pensar acerca desta questão selecionou-se 10 vídeos em que houvesse debatedores de diferentes posições, com 2.649 comentários de internautas, tendo como foco as interações dialógicas mediadas pela internet, onde se buscou observar as reações dos usuários quando se depararam com o acontecimento midiático de uma prática de intolerância religiosa, efetivada por juiz federal do Rio de Janeiro, que em sentença, declarou que Umbanda e Candomblé não se constituíam como religião.

Enquanto resultado, percebeu-se que a escrita virtual foi uma ferramenta de linguagem utilizada para a expressão de emoções, embora tal apreensão possa ser considerada uma tarefa difícil. Pois, nós aprendemos que as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações, ou seja, uma sequência de coisas – Nesta imagem da linguagem pode-se estabelecer uma co-relação entre a palavra e sua significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui. Para ilustrar é possível pensar no treinamento de fala de uma criança. As crianças são educadas para reagir às palavras dos outros. Uma parte importante desse treinamento consistirá no fato de que quem ensina mostra os objetos, chama a atenção da criança para eles, pronunciando uma palavra *mesa* exibindo essa forma. Mas, o que dizer das emoções? Dos elementos incorpóreos que vibram na construção dos sentidos da comunicação?

A análise dos dados demonstrou que os usuários selecionaram e empregaram informações para fortalecer suas posições, sem isenção, nem neutralidade. O embate não foi um mero informar-se ou mesmo, um duelo de falas triviais, soltas ao vento. Na verdade, estava em jogo uma busca intencional entre dois pólos, que se digladiaram para a prevalência e manutenção de suas ideias. O que corroborou o





## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

pensamento de que interações comunicacionais, no âmbito emocional, ocorreram em referência a gradientes.

Vivemos uma cultura em que desvalorizamos as emoções em função de uma supervalorização da razão, num desejo de dizer que nós, os humanos, nos distinguimos dos outros animais por sermos seres racionais.

Mas acontece que somos mamíferos e, como tais, somos animais que vivem na emoção. As emoções não são algo que obscurece o entendimento, não são restrições da razão: as emoções são dinâmicas corporais que especificam os domínios de ação em que nos movemos. Uma mudança emocional implica uma mudança de domínio de ação. Nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torna possível. (MATURANA, 2002, p. 92)

Desse modo, para Maturana o resultado disto é que o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções. Ele chama este entrelaçamento de emoção e linguagem de diálogo, conversação.

A importância da reflexão de Maturana tem a ver com a possibilidade já pensada por Lévi-Strauss (1973, 1976) e desejada por Jacques Derrida (2002), dentre outros, de se estabelecer uma continuidade entre o biológico e o social. A concepção de Maturana do vivo, dos seres humanos como sistemas fechados operacionalmente, autopoieticos e estruturalmente determinados, tentam inutilizar as velhas dualidades: indivíduo x sociedade, natureza x cultura, razão x emoção, objetivo x subjetivo. Ao mostrar que “emoções são fenômenos próprios do reino animal”, onde nós, humanos, também nos encontramos, e que o chamado *humano* se constitui justamente no entrelaçamento do racional com o emocional, na linguagem.

Vivemos em diferentes redes de conversações que se entrecruzam em sua realização na nossa individualidade. Se queremos entender as ações humanas não temos que observar o movimento ou o ato como uma operação particular, mas a emoção que o possibilitou. (Maturana, 2002).

Há uma certa sabedoria consuetudinária tradicional quando se diz *Pelos seus atos os conheceréis*. Mas o que é que conheceremos observando as ações do outro?



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

---

Nesta pesquisa, conheceremos suas emoções como fundamentos que constituem suas ações.

Daí a dificuldade que atribuímos à Nova Teoria da Comunicação de Marcondes Filho, sustentáculo do método de pesquisa Metáporo. Para ele, comunicação não pode ser uma relação imperfeita, desengonçada, falha, imprecisa e com variações, mas deve ocorrer em excelência:

Pelo fato de sermos, na vida cotidiana, mais defensivos, mais conservadores em nossas posições, pois elas nos tranquilizam, por esse mesmo motivo, as interações comunicacionais mais prováveis serão as que menos modificam nossas relações sociais e as menos prováveis, as que efetivamente alteram. Mas são estas últimas que importam, que definem nossa situação de estarmos vivos e não mortos-vivos.

Por isso, comunicação não é um gradiente. Não é algo que pode ser pequeno, médio, médio para grande e grande. Ela é ou não é, e este é um critério radical. Ou é sucesso total ou é fracasso total; ou ela acontece ou não acontece e este é um modo de pensar totalmente contrário ao modelo dos estatísticos ou do cálculo de previsões e de probabilidades. (MARCONDES FILHO, 2011, p. 177)

Ao se admitir pensar o processo comunicacional por referência a gradientes emocionais não estamos em consonância com o conceito de comunicação de Marcondes Filho, uma vez que comunicação para ele só acontece de forma plena, completa em si mesma, se assemelhando ao pensamento platônico do mundo das ideias. Ou seja, em que existiria um formato perfeito para que ocorresse comunicação e que comunicação só poderia se efetivar a partir de um *modus operandi* cujo resultado fosse transformador.

Entretanto, a comunicação é um processo que está sujeita a equívocos, má interpretação, mau raciocínio, má-escuta, gradientes comunicacionais etc., apesar disso, não deixa de ser comunicação. Ela não pode ser identificada apenas quando se manifestar em excelência, como causa *finalis*, mas sim devemos ficar atentos ao seu movimento no tempo.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Nesta perspectiva, por gradientes emocionais compreendem-se as nuances perceptivo-cognitivas atuantes na relação dialógica, no caso sob foco, entre usuários de *internet* no debate do tema intolerância religiosa.

Segundo Del Pino (1998, p. 99), para complementar a definição que justifica a perspectiva analítica orientada pela observação dos gradientes de emoção consideramos que cada um dos sentidos humanos estabelece, em princípio, diferentes distanciamentos entre sujeito e objeto. A análise dos aspectos emocionais dominantes no texto pode consistir em recurso heurístico eficiente para a eficácia dos resultados a obter no percurso interpretativo da produção de sentidos na interação dialógica.

No presente estudo, não debatemos a pertinência genérica de falar em gradientes na comunicação, nem na possibilidade de observar ou não variações em um objeto consensual; mas nos colocamos diante da constatação de que o debate midiático da intolerância religiosa foi um objeto de provocação de variações emocionais em um mesmo interlocutor, ou seja, foram percebidas mudanças pela comunicação. Entretanto, deixamos claro ser necessário um aprofundamento do estudo com outros tipos de abordagem, principalmente porque diferentes objetos talvez não apresentem as mesmas variações.

Destarte, temos claro que, conforme Jose Luiz Braga a comprovação de gradientes na comunicação necessita de estudo de casos múltiplos:

Acho efetivamente difícil (senão impossível) estabelecer critérios apriorísticos, como regra para distinguir diferentes qualidades. Isso não me impede de perceber que no espaço social – no qual as interações ocorrem gerando modificações em todas as variedades imagináveis de qualidade, valor, intensidade ou significação humana – as comunicações são, mais que boas ou más, muito frequentemente canhestras. Todas me interessam – não voltado para a busca de essências, vejo que a experiência é sempre variável. A investigação para nos aproximarmos dessa diversidade se fará pelo estudo de casos múltiplos. (BRAGA, 2012, p. 35)

Pensar comunicação não significa ter a preocupação em determinar grandes regularidades de modo a produzir leis que expliquem fenômenos do mundo. Porém,



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

existe a inquietação em mapear regularidades, buscando nelas as singularidades que efetive uma produção de sentidos.

Abaixo, percebemos nos dois fragmentos de diálogos a presença de gradientes emocionais que orientaram o debate e que foram interpretados como uma mudança de postura pela comunicação. Nota-se na interação<sup>1</sup> o diálogo se iniciando com manifestação de sarcasmo, conforme a fala de C-SP2-RI<sup>4</sup>, passando por posturas de raiva e terminando em violência verbal. As palavras que deram sentido a esta transição simbólica encontram em destaque.

### Interação - Análise do diálogo em referência a gradientes emocionais

C-SP2-RI +Pedro respeita o que cria vergonha na sua cara quando Jesus volta seu inxu vai vira é pum kkkkk<sup>5</sup>

C-SP2-PE +riary ss tuas palavras sujas n me afetam sua recalçada, tem inveja da umbanda por nós termos amor no coração e paz e pode mandar Jesus com uma palavra destruo ele é só eu pagar uma runa e seu deus vira pó

C-SP2-RI +Pedro kkkkkk cv coitado não fala merda não deus é único ele não divide a glória dele com ninguém fica tranquilo que quando vc tiver no leito lembra dele que ele vai te ajuda.. agora seus Zé pilantra e seu xurupinga sal deuses de abaal e deus apagão tradução seus demônios são merda. Jesus e estar vivo e o seus ta aonde no inferno bando de lixo

C-SP2-PE +riary ss olha aqui fique sabendo que sua religião inteira foi feita pela religião dos antigos nórdicos, gregos, egípcios e celtas vocês são ladrões e assassinos, queimaram meus antepassados na fogueira o Ragnarok está chegando se prepare para ser destruído.

C-SP2-RI +Pedro fais eu ri da sua cara não para que ta feio o Zé pilantra vai queima teu pau no inferno.. teu diabo e um derrotado um Lúcifer maldito que e atormentado ele e os adebitos dele vai ser destruído só pela gloria de deus seu babaca.

Produzido pelos autores

Foi possível observar na interação<sup>2</sup> que a postura de C-SP2-JO conduziu a manifestação de raiva por C-SP2-ZE. No início C-SP2-ZE demonstrou indignação, que foram reforçadas ao longo da interação até o momento da intensificação da raiva.

### Interação - Análise do diálogo em referência a gradientes emocionais

C-SP2-JO ninguém é obrigado a concordar com o satanismo, Deus deu livre arbítrio para escolher entre o bem e o mau, quem é do bem será retribuído por Deus e quem for do mau também terá sua

<sup>4</sup> Identificação do internauta participante de diálogo virtual, criada pelos autores

<sup>5</sup> Foi possível identificar no uso das palavras que representam o riso (kkkkk) o momento da percepção da presença do sarcasmo, em outras palavras, a materialidade da emoção encontra-se não no riso em si mesmo, mas no seu deslocamento frasal, que incomoda a estrutura daquilo que está sendo dito.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

### recompensa!!!

C-SP2-ZE Seu comentário está cheio de preconceito, principalmente em afirmar que as outras religiões são do "mal". Se vc tem o direito de exercer sua crença os outros também tem, não é um direito único e exclusivo seu.

C-SP2-JO Os direitos tem que ser iguais eu concordo, mas não sou preconceituosa, só que temos que ter cuidado ao concordar com tudo o que acontece hoje, eu como evangélica sei que estou vivendo nos últimos dias, por amor a Deus tem muitas coisas que terei que discordar. Nós evangélicos seremos acusados de muitas coisas não só de preconceito, mas a palavra tem que se cumprir, não é novidade nenhuma o seu comentário e tudo que está acontecendo neste mundo, são profecias bíblicas se cumprindo! Deus te abençoe, passar bem!!!

C-SP2-ZE Vcs não são acusados de preconceito, vcs realmente são preconceituosos com tudo, ficam implicando com a vida dos outros (religião, sexualidade etc...), não respeitam a religião ALHEIA<sup>6</sup>, tentam enfiar sua religião goela abaixo de todo mundo, se acham superiores. Ninguém é obrigado a acreditar no mesmo que vcs acreditam. Se a pessoa quer acreditar em Deus, no Diabo ou no Papai Noel é problema dela. Ficam achando que são Deus aqui na terra para dizer o que é certo ou errado, quem vai ou não para o céu.

C-SP2-JO Eu nunca ouvi tanta mentira na minha vida, falar é fácil quero ver você provar todas essas acusações contra aqueles que só faz o papel de pregarem o evangelho de Jesus Cristo, se tem alguém com ira disso ou daquilo esse alguém é você mesmo! mas não adianta maior e' Deus para trazer a tona toda verdade, passar bem amigo até mais ver !!!

C-SP2-ZE Mentira?? então eu minto quando digo que vcs tem preconceito com homossexuais, prostitutas, católicos, umbandistas, pessoas com piercings e tatuagem etc. etc. etc., para vcs essas pessoas vão todas queimar no inferno a menos que coloque uma roupa de palhaço, pegue uma bíblia, escute só "hinos" (não sei pq chamar de hino, para mim hino é só o nacional ) e vá todo dia a um culto. Pelo amor de deus né, "pregar o evangelho" é uma coisa, ficar se metendo na vida dos outros é outra coisa bem diferente, e não me venha falar de Deus, ninguém é obrigado a acreditar nas coisas que vc acredita, respeite a crença dos outros, ninguém é obrigado a ser alienado.

C-SP2-JO não se preocupa não amigo , uma hora a verdade vai aparecer, maior e' Deus para saber quem está certo ou errado, não tome isto como uma ofensa ! ate' mais ver!!!

C-SP2-ZE "maior é Deus para saber quem está certo ou errado" Viu, pelo amor de Deus, pare de se achar superior só pq é "crente", só pq vc acredita em contos de fadas, wtf, na vdd são inferiores, pq baseiam toda a sua vida em um livro que acham que foi escrito por um ser místico quando na verdade foi escrito por pessoas de carne e osso, ao invés de buscar se instruir, buscar o verdadeiro conhecimento. Olha para vc mesmo, não tem nenhum argumento a não ser ficar falando "deus é isso" "deus é aquilo" "deus vai fazer isso" "deus vai fazer aquilo". Deveria sentir pena de pessoas assim, mas sinto é raiva, pq não basta serem alienados e querem alienar os outros.

Produzido pelos autores

Ao trabalhar na perspectiva do Metáforo, nossos sentidos foram conduzidos a buscar os afetos envolvidos no caso: “Para juiz, candomblé e umbanda não são

<sup>6</sup> No diálogo foi perceptível alterações de emoções nos interlocutores, com marcas de gritos (uso de letras em maiúsculo); expressões de ironia, xingamentos etc.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

religiões”. Muitas vozes reverberaram acerca deste acontecimento midiático. Algumas institucionais, outras de religiosos e, ainda, aquelas de pessoas comuns.

Na análise dos dados, percebemos que nas interações dialógicas havia marcas próprias que perpassaram afetos, emoções e sentimentos. Desse modo, os momentos da percepção da ocorrência de alterações pela comunicação nas transições simbólicas, neste estudo, desvelaram mudanças de postura emocional, ou seja, da raiva para violência verbal, ou do sarcasmo para raiva, ou da raiva para benevolência, etc.

Destacamos também as expressões de violência e nojo. A repercussão dos sentimentos de violência e nojo foi trabalhada na perspectiva de que estavam em jogo afetos criados socialmente, não são naturais: tais como:

| <b>Interação - Análise do diálogo em referência a gradientes emocionais</b>                                     |
|---|
| C-SP-MA “vai lá matar animais pra oferecer para os orixás...”   |
| C-SP-AR “Mato até você”   |
| C-SP-MA “Rua André da Silva Pina, taboão da Serra-SP, bairro jardim record...esse é meu endereço, é só vim....” |

Produzido pelos autores

No dia a dia, atos de violência verbal tendem a transformar-se em violência física. O mesmo fenômeno foi registrado em alguns momentos de interação virtual, sendo observado que a ação humana violenta inviabiliza a comunicação, nos moldes da teoria de Marcondes Filho (2013). Pois, produz um acontecimento em que as partes estando em conflito não distinguem claramente entre seus interesses comuns e seus interesses opostos, anulando a preocupação de chegar a um consenso de ideias. Um mundo cada vez mais impregnado de violência, também, tem como fator o resultado de uma mediação que prejudica o processamento cognitivo do sujeito e produz interações virtuais carregadas de aspectos emocionais negativos.

Localizamos expressões recorrentes de nojo, que aparece em segundo lugar em regularidade no debate acerca da intolerância religiosa. Segundo Pizarro (2011) “nojo”, “Repugnância” ”repulsa” são termos que traduzem uma emoção que provavelmente



## II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

evoluiu para nos manter longe de substâncias nocivas e doenças, mas que aparece especialmente ativa em nossa vida moral. Os seres humanos quando entram em sociedade estabelecem as condições para a prevalência de determinadas emoções, ou seja, mesmo existindo uma variedade de emoções, o ser social acaba por fixar-se em tipos específicos de emoções que levam a determinadas práticas sociais, no caso aqui, a violência verbal enquanto motor de possível violência física.

### Interação - Análise de turno de fala em referência a gradientes emocionais

C-SP2-NA: “Mano não vale a pena discuti com macumbeiros nojentos... isso deveria ser proibido... aqui em Manaus em tem uma ladeira no Bairro onde eu moro, pense numa nojeira, animais mortos e cheio de farofas... sangue pra todo lado... os macumbeiros conhecem que Deus é maior que esse exuzinho de merda... ei! Acorda Deus não está morto!!! Ele está vivo! Jeová! Javé!”

Produzido pelos autores

Nota-se que a frase evidencia além do nojo, o sentimento de raiva. Emoções que são intensificadas linguisticamente pelo uso de xingamentos e interjeições. Percebe-se um desejo de afastar-se ou repelir o interlocutor. O nojo não é apenas manifestado fisicamente, mas se faz presente como elemento determinante para que ocorra ou não comunicação.

Na perspectiva dos afetos, comunicação para Marcondes Filho (2013) é acolhimento. Também é colocar de lado tudo o que foi considerado acerca daquilo que está sendo dito; ter um tempo para receber o que o outro diz; esvaziar-se de si mesmo, deixando-se ficar em segundo plano. Esquecer que há vontades, desejos e simplesmente parar para escutar o outro. Diante do sentimento de nojo, o que resta é o afastamento. O desquerer do outro, o evitar apreender algo daquilo que lhe causa repulsa.

A atitude que prevaleceu nos diálogos analisados foi o grito raivoso diante do mundo, como forma de exprimir as impressões de algo desagradável que os usuários de internet conferiram ao fenômeno em discussão. Assim, a linguagem serviu para desvelar signos carregados de emoção.



## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Por séculos as emoções foram consideradas como algo maldito por diversos filósofos, como Platão, Santo Agostinho, Descartes, Kant etc., que defendiam a ideia de que elas deveriam ser eliminadas, extirpadas ou expulsas para os porões sombrios da sociedade.

Contrário a este entendimento, Marcondes Filho (2013) realiza a defesa das emoções, ao afirmar que desconsiderar os afetos é destruir a nossa própria humanidade. Pois, a presença do afeto na comunicação é um elemento essencial da interação social. O sentimento é, portanto, relação com o outro. Representação interiorizada da diferença entre nós e esse outro. O afeto é a conexão ou o afastamento do outro.

O campo da comunicação, por meio de Marcondes Filho, encontrou um elemento especificamente comunicacional na categoria afeto. Seu maior trunfo. Porquanto, deve-se avançar na reflexão acerca do papel dos afetos na comunicação, principalmente diante da possibilidade de gradientes emocionais. Afinal, não é fácil lidar cientificamente com sentimentos, já dizia Freud (1976, p. 42).

### Referências

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/be/BergsonHenri\\_Memoria\\_y\\_vida.pdf](https://monoskop.org/images/b/be/BergsonHenri_Memoria_y_vida.pdf)

\_\_\_\_\_. **O pensamento e o movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRAGA, José Luiz. **Interação como contexto de comunicação**, Revista Matrizes, Ano 6 – nº 1 jul./dez. 2012 - São Paulo - Brasil p. 25-41

DEL PINO, Dino. **Espaço e textualidade** – quatro estudos quase-semióticos. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1998.

DERRIDA, Jacques. **A Escrita e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FREUD, Sigmund. 1976. **O humor**. Obras completas, Vol.XXI. Rio de Janeiro, Imago Editora. 157 p. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-21-1927-1931.pdf>





## II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude - **Antropologia Estrutural I**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1973.

\_\_\_\_\_. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Editora Vozes/EDUSP. Petrópolis/ São Paulo, 1976

MARCONDES, Ciro filho. 2011. *Duas doenças infantis da comunicação: a insuficiência ontológica e a submissão à política. Uma discussão com José Luís Braga*. Revista Matrizes, Ano 5 – nº 1 ago./dez. - São Paulo - Brasil – 169-178 p.

\_\_\_\_\_. 2013. *Nova teoria da comunicação, v. 1: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico*. São Paulo: Paulus. 176 p

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. tradução de José Fernando Campos Fortes. 3a Reimpressão Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002 p. 96

NIETZSCHE, F.W. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filhos, 3. Ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983. 416 p.

PIZARRO, 2011, David. *On Disgust and Moral Judgment Emotion* Review Vol. 3, No. 3 (July) disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/51ba9492e4b04b3f6c6f9f67/t/55157db3e4b0ce927f09356a/1427471795142/Pizarro%2BInbar%2BHelion%2B2011.pdf> 267–268 p.

SILVA, Adelmo J. **O impulso vital enquanto princípio explicativo da evolução no pensamento bergsoniano**. “Existência e Arte” - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano II - Número II – janeiro a dezembro de 2006